**Ser economista**

*Luiz Alberto de Souza Aranha Machado*

Embora goste muito de ser economista, tenho de confessar que minha escolha da profissão foi atípica, como ficará claro a seguir.

Sou o mais velho de cinco irmãos de uma família de classe média de São Paulo. Meu pai era representante comercial e me permitiu estudar em ótimos colégios particulares e de frequentar, praticamente desde que nasci, o Esporte Clube Pinheiros, onde cursei o Jardim de Infância e pratiquei diversas modalidades de esporte, até me fixar no basquete, sendo federado já em 1963 na categoria pré-mirim.

Apesar da baixa estatura, tive uma carreira bem-sucedida, acumulando prêmios individuais, várias convocações para seleções paulista e brasileira, além da possibilidade de viajar para diversos países do mundo numa época em que ir ao exterior era privilégio exclusivo de pessoas pertencentes a famílias abastadas.

Isso fez com que o basquete tenha sido minha prioridade absoluta até o fim de 1973, ano da conclusão do colegial, que eu cursei no Dante Alighieri, e da idade limite da categoria juvenil. Eu jogava no Palmeiras na época e haveria convocação para a Seleção Brasileira que iria disputar o campeonato Sul-Americano na Argentina. Viver do basquete, ainda praticamente amador no Brasil, era muito complicado e, para piorar a situação, com 1,70 m de altura minhas chances seriam limitadas, razão pela qual, numa decisão dificílima, resolvi abrir mão da convocação, a fim de prestar o vestibular para o curso de Economia no Mackenzie.

Lembro-me que meu pai perguntou: "Por que o Mackenzie. É o melhor curso de Economia? Não dá para atender a convocação e depois prestar vestibular para a USP?"

Respondi com a maior sinceridade: "Pai, até agora não pensei muito no que fazer. A opção por Economia é por ser da área de humanas (sempre tive dificuldade com exatas) e por ter um tio que é professor na USP, no Mackenzie, na FGV e na FAAP, sendo uma espécie de referência para mim. Quanto ao Mackenzie, certamente não é o melhor curso, mas já tem um grande time de basquete e terá, provavelmente, o melhor!"

Antes de continuar com minha trajetória na profissão, e como a recomendação do Roberto Troster, a quem agradeço pelo convite para escrever este depoimento, é para não acrescentar notas de rodapé, um complemento dessa inusitada forma de escolher a profissão. O time de basquete da Associação Atlética Acadêmica Eugênio Gudin, da Faculdade de Economia do Mackenzie, transformou-se efetivamente na melhor equipe universitária, conquistando por várias vezes seguidas o campeonato da FUPE (Federação Universitária Paulista de Esportes), numa época em que todos os melhores jogadores que cursavam a universidade participavam desses torneios. Só para completar, fizeram parte desse time da Economia do Mackenzie Oscar Schmidt, Ricardo Guimarães (Cadum), Carlos Eduardo Ferro, João Marino, Renato Haddad, Mario Montuori, Washington Lopes, Celso Mazza e outros jogadores que atuaram em diversos clubes de São Paulo.

Tendo escolhido o curso de Economia de maneira tão aleatória, é evidente que para mim tudo era novidade. Lembro-me que na primeira aula, o professor de Introdução à Economia perguntou o que cada um costumava ler. Muitos não responderam ou disseram não cultivar o hábito da leitura. Fui um dos que respondeu que gostava de ler romances, livros policiais e biografias. Lia também diariamente as seções de esportes e lazer do *Jornal da Tarde*. Diante das respostas, o professor recomendou que a partir daquele momento deveríamos ler a seção de economia e negócios dos jornais, além de livros de economistas consagrados. Não vão perder tempo com livros de comentaristas econômicos, numa alusão ao recém-lançado livro *Na prática a teoria é outra*, de Joelmir Beting, o mais conhecido colunista econômico, que fazia muito sucesso. Por sorte, não segui a recomendação. A exemplo de muitos colegas, comprei e li o referido livro. Com sua forma clara de escrever, Joelmir transformava a aridez típica da economia em leitura agradável, fazendo com que eu e diversos outros colegas começássemos a se interessar pelo assunto.

Os dois primeiros anos do curso estiveram longe de me encantar. Repletos de disciplinas assessórias, eu ficava me perguntando onde ia aplicar aqueles conhecimentos. Eu adorava ir à faculdade, por causa dos amigos, das festas (não se usava a palavra "baladas"), do diretório e da atlética, mas não pelas aulas em si. Paradoxalmente, para alguém que sempre teve pavor de exatas, a disciplina que realmente me despertou o interesse pelo curso foi Matemática Financeira. A partir daí, tudo começou a fazer mais sentido e disciplinas do último ano como Economia Brasileira, Economia Internacional, Política e Programação Econômicas, Moeda e Bancos (Teoria Monetária), História do Pensamento Econômico e Teoria do Desenvolvimento Econômico acabaram me convencendo que eu havia feito a escolha certa.

Durante o curso fiz um estágio no Departamento Econômico-Financeiro da Sudelpa (Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista). Apesar do título pomposo, o trabalho era burocrático e não me acrescentava quase nada, razão pela qual fiz um acordo com meu pai e continuei desfrutando da mesada até o final do curso.

Ao final do curso de Ciências Econômicas, ainda sem uma certeza do que fazer, surgiram dois convites simultaneamente. O primeiro para ingressar num escritório de projetos de engenharia e arquitetura para trabalhar como *controller* financeiro. O segundo, para participar de um curso de formação de professores, promovido por uma entidade que ministrava cursos de formação política para estudantes em todo o território nacional.

Embora não passasse pela cabeça ser professor, como havia tempo disponível, pois o curso seria realizado antes do início do trabalho no escritório de projetos, a participação parecia interessante e permitiria que, nos fins de semana, se aprovado no curso, pudesse viajar pelo País dando aulas de economia, que compunha o programa juntamente com aulas de filosofia e de política, que eram ministradas por outros professores.

Foram dois anos combinando o trabalho no escritório, as viagens em muitos fins de semana para os cursos e o basquete, que eu continuava jogando na categoria principal do Paulistano, que, ao contrário de hoje, não tinha altos investimentos e não pertencia ao restrito grupo das grandes equipes.

A experiência como *controller* foi excelente. O Escritório Técnico Eurico Meili, de propriedade de uma família suíça, havia levado a melhor na concorrência para fazer o projeto da fábrica da Souza Cruz em Uberlândia, na época a maior fábrica de cigarros do Brasil. Por isso, teve de fazer um *up grade*, passando de cerca de 20 para 100 colaboradores praticamente do dia para a noite. Fui contratado para a área econômico-financeira juntamente com uma colega de faculdade, Marina Glycerio de Freitas, e aprendemos muito durante nossa permanência na empresa. Depois de dois anos, encerrado o contrato com a Souza Cruz, o escritório readquiriu sua estrutura anterior. Na ocasião, os proprietários da empresa me agradeceram a colaboração, disseram que iam fazer uma reformulação e eu era muito novo para assumir o cargo de diretor que ficaria vago, mas muito bom para ser subalterno de quem iria assumi-lo. Orientaram-me a procurar outra oportunidade, sem prejuízo dos vencimentos até conseguir outro emprego. Sou até hoje muito grato aos membros da família Meili, com os quais aprendi o significado de conceitos como ética e respeito no relacionamento profissional. O único problema de ter iniciado a caminhada numa empresa dirigida por pessoas como as da família Meili é que se cria um nível de expectativa dificilmente encontrado em outras organizações.

Depois de dois anos dando aulas em cursos de extensão realizados pelo Brasil, recebi convite para assumir a direção de Centro de Estudos do Desenvolvimento, o departamento do Convivio - Sociedade Brasileira de Cultura responsável pela organização dos cursos de formação de lideranças estudantis, dos cursos de formação de professores e, posteriormente, dos cursos de formação de lideranças sindicais promovidos pela entidade. Lá permaneci até 1985 (com uma breve interrupção de um ano e meio, período em que colaborei com meu pai na reestruturação da empresa de representação), tendo a oportunidade não apenas de conhecer geograficamente boa parte do País, mas também de conviver com professores de altíssimo nível, alguns dos quais tendo atingido postos de grande destaque nos cenários político, econômico e empresarial do País, como Luiz Carlos Trabuco, Elival da Silva Ramos, Paulo Gouvêa da Costa, Antonio Carlos de Moura Campos, Marcos Paulino, Silvio Passarelli e Antonio Carlos Pereira.

Para quem está iniciando na docência, além da prática em salas de aula propiciada pelos cursos de extensão, o Convivio permitiu que eu começasse a escrever artigos semanais para os boletins publicados pela Agência Planalto, distribuídos a centenas de jornais da pequena e média imprensa do País.

Na verdade, o gosto pelas aulas foi crescendo, de tal forma que o convite para ingressar na Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP, em 1981, como professor instrutor, com dedicação de seis horas semanais, parecia interessante pela possibilidade de me manter atualizado e, por que não, para complementação de renda.

O Brasil vivia uma época de acentuada mudança política, com o partido de oposição na época do bipartidarismo, o MDB, conquistando a vitória nas eleições para governador de importantes estados da Federação, depois de muitos anos. Isso aconteceu, entre outros estados, em São Paulo. Muitos dos professores da Faculdade de Economia da FAAP acabaram deixando a instituição para trabalhar no governo ou para se dedicar em tempo integral à USP, onde novas possibilidades foram abertas com concursos que estavam suspensos há algum tempo. Professores de renome deixaram a FAAP imediatamente ou nos meses seguintes, entre os quais João Sayad, Roberto Macedo, Marcos Giannetti da Fonseca, Lidia Goldenstein, Maria José Villaça, Renata Zoudine e Luiz Fernando de Souza Aranha. Por outros motivos, também se afastaram da instituição os professores Carlos Roberto Faccina, para se dedicar primeiro à diretoria da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas do Mackenzie e, posteriormente, à diretoria de Recursos Humanos da Nestlé, e Luis Alberto Peluso, que foi fazer doutorado na *London School of Economics*.

A saída simultânea de tantos professores renomados, todos titulares na FAAP, acabou abrindo possibilidade para que os professores instrutores, que haviam sido contratados para serem assistentes por alguns anos desses professores mais experimentados, tivessem a possibilidade de assumir as aulas nas disciplinas deixadas em aberto. Diante dos bons resultados verificados, o diretor da Faculdade de Economia, Walter Alves, que também estava de saída para de dedicar com exclusividade à FEA-USP, propôs ao diretor da FAAP, Roberto Pinto de Souza, que efetivasse aqueles jovens professores, “que não tinham deixado a peteca cair”, promovendo-os a titular em suas respectivas disciplinas. Fiz parte desse grupo de professores que permaneceram por longos anos dando sustentação ao curso de Ciências Econômicas da FAAP, que, por sua vez, manteve-se por bom tempo entre os principais cursos do País.

O que havia começado como “algumas aulas para permitir me tornar atualizado” foi se transformando numa prioridade cada vez mais apaixonante, que me permitiu constatar que havia vida – e muito rica – fora de uma quadra de basquete, embora a prática da modalidade continuasse como companhia de toda a vida, nas diferentes categorias do basquete máster, em campeonatos paulistas, brasileiros, pan-americanos e mundiais.

O pleno envolvimento com a atividade acadêmica incluiu, além da FAAP, a passagem por outras instituições de ensino como o Mackenzie e as Faculdades São Judas Tadeu. O extraordinário estímulo proporcionado pela FAAP, que se antecipou à concorrência no processo de internacionalização, foi tornando cada vez mais possível a transição de uma paixão, o basquete, para outra, a academia, englobando não apenas a prática docente, mas também as inúmeras atividades correlatas, em pesquisa e extensão, bem como em atividades administrativas de coordenação e de direção.

Em 1993, integrei o grupo de professores da FAAP que teve a chance de participar por anos sucessivos da maior conferência mundial de solução criativa de problemas, realizada anualmente em Buffalo, nas instalações locais da Universidade de Nova York. Começou aí meu interesse pela criatividade, que acabou desaguando no meu mestrado em Criatividade e Inovação, obtido em 2012 na Universidade Fernando Pessoa, em Portugal.

Com tamanho envolvimento, permaneci na FAAP até 2017, tendo o privilégio de dividir a diretoria da Faculdade de Economia nos últimos onze anos com o embaixador Rubens Ricupero, uma das mais brilhantes inteligências do Brasil.

Ao longo desses anos todos dedicados à carreira acadêmica na FAAP, tive oportunidade de me vincular a diversas outras empresas ou instituições na qualidade de assessor, dirigente ou conselheiro. Entre essas, destaco:

* Instituto Liberal de São Paulo, *think tank* voltado à produção e divulgação das ideias liberais, onde fui diretor-executivo e presidente. Atualmente, com uma estrutura em nível nacional, sou integrante do conselho superior.
* Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, *think tank* voltado à pesquisa e promoção de projetos destinados ao aprimoramento da cultura, da educação e das instituições brasileiras, onde fui diretor executivo e integrante do conselho.
* Eletros - Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos, entidade de representação institucional do setor eletroeletrônico, onde fui assessor econômico.
* São Paulo Turismo (SP Turis), empresa oficial de turismo e eventos na cidade de São Paulo, responsável pelo planejamento, organização e produção de eventos da cidade, além de ter papel essencial na formulação de políticas públicas voltadas ao turismo na capital paulista, onde fui assessor especial da presidência no período final da gestão do prefeito Gilberto Kassab.
* Fundação Brasil Criativo, entidade dedicada ao estudo e divulgação da criatividade e da promoção de seminários nacionais e internacionais, da qual fui conselheiro.

À parte dessas atividades profissionais, tive intensa ligação com as entidades representativas da profissão, começando como diretor do Sindicato dos Economistas no Estado de São Paulo, passando pelo Conselho Regional de Economia - 2ª Região, do qual fui presidente em 1999 e 2000, e pelo Conselho Federal de Economia, ao qual fui eleito por três mandatos, tendo ocupado a presidência na maior parte do ano de 2013 em razão do afastamento do presidente por motivo de doença.

Atualmente, além de sócio-diretor da empresa SAM - Souza Aranha Machado Consultoria e Produções Artísticas, sou assessor econômico da Fundação Espaço Democrático, o centro de estudos e formação política do PSD, e integro o conselho da Fundação Educacional Inaciana - FEI. Eventualmente, continuo ministrando palestras e cursos de pós-graduação, e tenho me dedicado a escrever livros, os últimos dos quais, *Viagem pela economia* e *Economia + Criatividade = Economia Criativa*, disponíveis para download no site www.espacodemocratico.org.br/publicacoes.

Com a experiência acumulada ao longo dessa trajetória, acredito ter adquirido uma detalhada visão panorâmica da profissão e, consequentemente, do que significa ser economista.

O curso de Ciências Econômicas, por sua abrangência, enquadra-se naqueles que propiciam uma formação ampla e generalizada, permitindo aos que nele se formam amplas possibilidades de atuação, quer no plano da teoria, quer no da aplicação prática.

Não é qualquer ciência que permite tal aplicação de seus modelos teóricos, o que só é possível pela rígida e abrangente formação do economista, que combina teoria econômica, métodos quantitativos e formação histórica. Tal amplitude pode ser comprovada por contribuições recentes que utilizam modelos econômicos em diversas áreas, originando expressões como economia do crime, economia da educação, economia comportamental, economia dos esportes, economia criativa, economia da saúde etc.

A mesma amplitude observada no plano teórico pode ser observada no plano real, quando se observa o mercado de trabalho e a enorme gama de ocupações que podem ser desempenhadas pelos economistas.

Roberto Macedo, no livro *Seu diploma, sua prancha*, e eu, no livro *Como enfrentar os desafios da carreira profissional*, utilizando dados que vem sendo sistematicamente atualizados, temos chamado atenção para uma tendência verificada no mercado de trabalho, representada pelo crescente descolamento entre profissão e ocupação. A primeira diz respeito à formação do indivíduo, seja ela obtida num curso superior, seja num curso técnico. A segunda refere-se ao tipo de trabalho que o indivíduo desenvolve, podendo estar relacionado ou não à sua profissão. Tal descolamento é maior em algumas profissões do que em outras, estando a de economista entre as que apresentam maior grau de dispersão, o que indica que o mesmo pode atuar em um número significativo de ocupações, conferindo-lhe um elevadíssimo grau de empregabilidade.

Diante dos argumentos apresentados neste texto, bem como da variedade de ocupações de minha própria trajetória, recomendo aos jovens que estão em fase de decisão do que irão fazer no curso universitário para considerarem com carinho a opção pela Economia. Seguramente terão que se esforçar bastante ao longo de todo o curso, mas, desde que escolham uma boa faculdade e tenham um bom aproveitamento, serão amplamente recompensados na carreira profissional, seja ela mais voltada para o plano teórico, como pesquisadores e/ou professores, seja ela mais voltada para o chamado setor real da economia, como consultores ou atuando em empresas públicas ou privadas, tanto na macro como na microeconomia.

**Referências**

BETING, Joelmir. *Na prática a teoria é outra.* São Paulo: Impres, 1973.

MACEDO. Roberto. *Seu diploma, sua prancha*: como escolher a profissão e surfar no mercado de trabalho. São Paulo: Saraiva, 1998.

MACHADO, Luiz Alberto.*Como enfrentar os desafios da carreira profissional*: antes e após sua escolha.São Paulo: Trevisan Editora Universitária, 2012.